

SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DAS TELHAS ROMANAS

Por António Cardoso

1 — Uma das influências da romanização, que se documenta mais exuberantemente nos nossos castros, é a da utilização da cerâmica como cobertura¹, isto é, o emprego de telhas planas (*tegulae*) e semicilíndricas (*imbrices*) que se complementarizam nessa função.

Até então, na cobertura das habitações, fossem as casas redondas, fossem quadrangulares, tivessem uma ou duas águas, utilizavam-se giestas, palha, torrões, barro e lousa. As telhas planas, rectangulares e, mais geralmente, trapezoidais, tinham, ao longo dos lados mais extensos, rebordos salientes de tipologia variada, que canalizavam as águas das chuvas e facilitavam, em muitos casos, o seu processo de encaixe. Eram colocadas no tecto, rebordo contra rebordo, e, para evitar a infiltração das águas, as juntas eram cobertas com telhas de forma semicilíndrica, as *imbrices*².

¹ Podemos alargar esta ideia de cobertura à própria tumulação pois com *tegulae* se faziam ou cobriam caixas tumulares, hábito que se avolumou, entre nós, no Baixo Império.

² Vide desenhos n.º 1, estampa I (feito sobre fragmento de telha do Castro de Fiães e n.º 2, estampa I (sobre material exposto no Instituto de Antropologia Mendes Correia, anexo à Faculdade de Ciências do Porto).

Em construções luxuosas utilizavam-se por vezes ante-fixos, isto é, umas telhas, também semicilíndricas, terminadas, ao nível da beirada, por um motivo ornamental: cabeça de homem ou de mulher, máscara de animal, etc.

As telhas, nalguns casos, estavam marcadas com o nome do proprietário do terreno donde foi extraído o barro, com os nomes do dono da «oficina», do negociante, etc. Os corpos militares fabricavam as telhas e os tijolos destinados à construção de suas casernas, chegando a marcar algumas delas com siglas do nome da sua própria legião³. Sinais numéricos, apostos, antes da cozedura, sobre a face inferior, parecem ser marcas de séries de fabrico⁴.

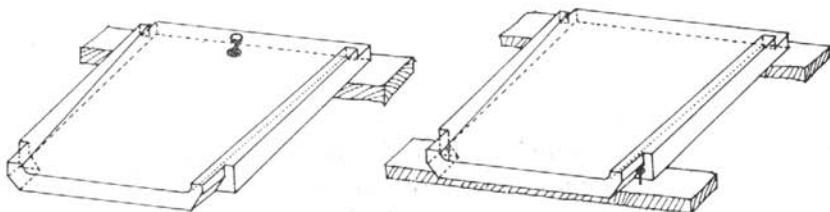


Fig. 1 — Fixação de telhas

Como processos de fixação das telhas, mormente das da última fiada, utilizar-se-iam pregos ou cavilhas de madeira que segurariam a telha inferior dessa fiada nos encaixes de ângulo ou num orifício (ou orifícios) praticado na parte alta a ser recoberta por uma telha superior⁵. Este orifício, grosseiro na maior parte dos casos, era executado após a cozedura tornando-se facilmente vulnerável e por isso é raramente observado⁶.

³ Garcia y Bellido, *Nueve Studios Sobre La Legio VII Gemina y su Campamento en León*, León, 1968, págs. 49 e segs.

⁴ Jean Chauffin, *Tuiles du Bas-Dauphiné*, in «Galia», tomo XIV, fasc. I, Paris, 1956, pág. 85.

⁵ No Museu de Antropologia Mendes Correia, anexo à Faculdade de Ciências do Porto, há um exemplar fragmentado, que apresenta dois orifícios a uma distância de 5,5 cm da extremidade.

⁶ Jean Chauffin, *ob. cit.*, pág. 83.

Para facilitar a colocação da telha, a base desta estava algumas vezes indicada sobre a face superior de cada «*tegula*» com sinais de tipo geométrico ou até mesmo com letras⁷. Nas telhas curvas a fixação era facilitada pela variação da sua largura e altura, quando não por umas saliências e reentrâncias nelas existentes que permitiam o seu ajustamento⁸.

A telha plana talvez tenha deixado de se usar na época visigótica, pois já não aparece nos níveis superiores de Tróia (medievais), embora tenha ressurgido como arquétipo de soluções e combinações ainda do nosso tempo⁹. A telha curva perdura e, com dimensões médias inferiores, ainda hoje toma o nome de telha romana ou de telha «à antiga-portuguesa».

A variedade de «oficinas» e o longo período de produção de telha romana põem-nos normalmente perante uma relativa variedade de formas, como resultante natural do tipo de rebordos, formas de encaixe, dimensões, melhor ou pior qualidade das argilas, grau de cozedura, etc.¹⁰.

2 — Com o material de que pudemos dispor de momento, recolhido no Castro de Fiães, concelho de Vila da Feira, iremos apresentar alguns subsídios para uma tipologia de rebordos e encaixes de telhas, necessariamente provisórios pois que os exemplares aparecem-nos muito fragmentados, incompletos e os próprios estratos, em que foram recolhidos, apresentam os materiais, de diversas épocas, misturados.

⁷ Vide exemplares no Instituto de Antropologia Mendes Correia, Museu Martins Sarmiento (Guimarães), Casa-Museu da Terra da Maia. Uma das telhas, de formato invulgar (vide estampa I, desenho n.º 3) existente no Instituto de Antropologia, parece deixar adivinhar distintamente os caracteres *T* e *S* (telha encontrada num aluvião de volfrâmio no lugar do Carvalhal de Estamos, freguesia de Queirã, Vouzela).

⁸ Isto nos sugere um desenho apresentado a págs. 189 in *Noticiário Arqueológico Hispânico*, III e IV (1954-1955), Madrid, 1956.

⁹ Em Cluny estão, no entanto, expostas telhas da Alta Idade Média, cfr. Jean Chauffin, *ob. cit.*, pág. 82.

¹⁰ G. Fouet num trabalho sobre a vida galo-romana de Montmaurin dá-nos vários exemplos dessa diversidade no tocante a dimensões e peso (G. Fouet, *La Villa Gallo-romaine de Montmaurin*, XX, ^o supplément à «Gallia», Paris, 1969, págs. 136-139).

Antes, porém, queremos referir alguns aspectos de carácter tecnológico suscitados pela análise dos materiais e com os quais temos de entrar em linha de conta em trabalhos deste género, tentados, como somos, naturalmente, a uma classificação baseada nos barros, nos engobes, na coloração das pastas, na dureza, etc.

Na mesma região, e até no mesmo local, a utilização de barros de diferentes camadas, com mais ou menos substâncias orgânicas, condiciona afirmações definitivas de carácter técnico (ou outras); barros de zona de formação geológica granítica ou xistosa, argilas mais ou menos alcalinas, são responsáveis pelas cores esbranquiçadas e pelos reflexos micáceos na textura; a cor avermelhada das telhas depende substancialmente das percentagens de óxidos de ferro contidos nas argilas. A conservação das telhas é uma resultante da textura mais ou menos fina da argila; a plasticidade é fruto da «finura» do grão, mas as partículas mais grossas, por outro lado, reduzindo a plasticidade, aumentam a resistência à cozedura; esta, feita em atmosferas redutoras, permite que, a uma relativamente baixa temperatura, o material se torne mais resistente, mais dútil; os diversos graus de óxido-redução provocam diferenciações de coloração e de uma atmosfera francamente oxidante resulta a coloração mais avermelhada das pastas.

O processo manual de trabalho, com a multiplicação de moldes de madeira (gesso?, argila?) e espátulas (ou outro material «rasante»), é também responsável por certas diferenciações e aspectos acidentais.

Convém acentuar que a sedimentação das partículas mais finas, arrastadas pela água de preparação da argila, forma como que uma película lisa e impermeável, no contacto com o molde, que poderá ser chamada um «engobe natural», razão por que manifestámos algumas dúvidas e pusemos de parte hipóteses de trabalho no que respeita a engobes.

Significam estas considerações que temos de ser prudentes e dar, de facto, a este trabalho, para já, um aspecto mais restritivo.

Permitimo-nos, pois, tão-só, propor algumas formas dominantes no que respeita a rebordos, definidos pela conjugação de linhas de perfis variados e já (ou ainda) com uma relativa perfeição ¹¹.

Temos assim 5 tipos bem detectáveis que podem, todavia, admitir certas variantes ligadas, como é evidente, às variações já referidas de um trabalho manual, a uma intencional desigualdade de cotas da mesma telha (como sequência de um processo de encaixe) e à existência de várias «oficinas». Faltando-nos, porém, exemplares completos de telhas em que os rebordos se mostrem em todo o seu desenvolvimento, preferimos, pois, cingir-nos aos tipos apresentados ,apoiados ,aliás, num tratamento estatístico, embora restrito, que permitiu a fixação das percentagens apresentadas ¹².

- a) O tipo 1 apresenta um rebordo lateral definido por uma vertical de 5,5 cm e uma linha contracurvada que se dilui na superfície plana da telha com uma espessura de 2,5 cm. Telha de grande perfeição técnica que nos leva a supor a utilização de um molde de barro ou mesmo de gesso. Esta forma é a mais abundante no material tratado (34 %). Apresenta a variante 1A em percentagem reduzida (4,61 %) mas com dimensões fora do comum pois a altura do rebordo é de 8 cm e a espessura geral da telha é de 3,3 cm.
- b) O tipo 2 é definido por linhas quebradas com uma altura de rebordo de 4 cm e com uma espessura da superfície entre os rebordos de 2 cm. A parte supe-

¹¹ Estabeleça-se o contraste com outras telhas existentes no Instituto de Antropologia Mendes Correia (anexo à Universidade do Porto), no Museu Martins Sarmiento, na Biblioteca-Museu de Amarante, na Casa-Museu da Terra da Maia.

¹² Vide estampa II.

rior do rebordo, plana, tem de largura 2 cm. Aparece-nos numa percentagem de 13 %.

Dentro do predomínio das mesmas linhas, mas com dimensões diferentes, poderemos alvitrar as variantes 2A (11,6%), 2B (4,5%), 2C (3,8%), 2D (1,5%), 2E (1,5%). Significam estes dados que o tipo 2 e suas variantes perfazem 35,9 %.

- c) O tipo 3, marcado também por linhas quebradas, tem a particularidade de apresentar a parte superior do rebordo definida por duas linhas concorrentes formando um ângulo agudo. Tem de altura 4,5 cm e a espessura média, entre rebordos, é de 3 cm. Percentagem 6,9 %.

A mesma forma dominante, mas com dimensões diferentes, é visível em 3A (3,1 %), formando as duas superfícies convergentes do rebordo um ângulo de 45°.

- d) O tipo 4 é delimitado por linhas mistas, sendo o rebordo definido, na sua parte superior, marcadamente, por uma superfície curva. A altura total do rebordo é de 5 cm, a espessura da telha é de 2,5 cm e a percentagem de espécimes deste tipo é de 6,1 %.

Um subtipo, 4A, de maior altura mas com uma linha curva superior mais fechada, apresenta uma percentagem de 5,5 %.

- e) Linhas verticais e horizontais caracterizam o bordo do tipo 5 que aparece escassamente (2,3 %). Tem de altura 5,2 cm; a largura superior do rebordo é de 2,5 cm; a espessura da telha entre rebordos é de 2,5 cm; a altura interior do rebordo é também de 2,5 cm.

Embora em percentagem reduzida, este tipo de rebordo é aquele que, quanto a nós, mais se aproxima, nas suas linhas características, das das telhas mais abundantes fora do contexto estudado, embora com dimensões diferentes.

Bem gostaríamos de estabelecer pontos de ligação entre as dimensões e formas dos rebordos e das respectivas épocas de afirmação e pôr na mesa elementos de ordem cronológica como o fez Chauffin. Pôde este verificar, por exemplo, nos casos estudados, que a presença de louças «decadentes» estava ligada a séries inferiores a 50 mm de altura, ao nível dos rebordos. Fez, pois, um franco apelo à cerâmica, elemento básico para o estabelecer de uma cronologia. Ora, como noutro passo referimos, aqui, no Castro de Fiães, há uma mistura de materiais de diferentes épocas que nos dificulta, para já, qualquer tentativa afim.

É, todavia, extremamente notória a semelhança entre alguns rebordos do Castro de Fiães e outros referidos por Chauffin¹³. Rebordos do tipo 1 de Fiães apresentam as mesmas formas e dimensões do n.º 40 que o autor situa numa época de «decadência» (sécs. II-V); o tipo 5 tem algumas analogias formais com o n.º 46, cronologicamente situado ainda na época de «decadência»; o subtipo 2A identifica-se com o n.º 18 de uma época de «transição» (meados do séc. III); também o subtipo 2D apresenta a mesma tipologia do n.º 1 de Chauffin, de uma «boa época» (sécs. I-III).

*

*

*

Relativamente a processos de encaixe, se temos observado, já, dois processos bastante vulgares, incidindo notoriamente no jogo de rebordos¹⁴, e se o primeiro exemplo também se documenta em Fiães, interessa-nos, sobremaneira, chamar a atenção para as extremidades de telhas com diferentes formas de concavidades na superfície inferior (a ver neces-

¹³ Jean Chauffin, *ob. cit.*, estampa II, pág. 86.

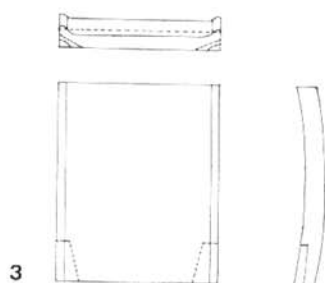
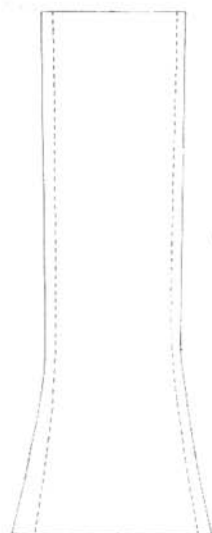
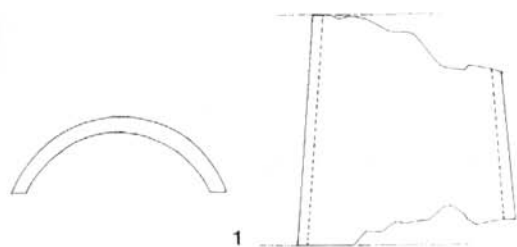
¹⁴ Vide estampas III e IV (desenhos executados sobre material existente no Instituto de Antropologia Mendes Correia). Veja-se material idêntico no Museu Martins Sarmiento. Biblioteca-Museu de Amarante e Casa-Museu da Terra da Maia.

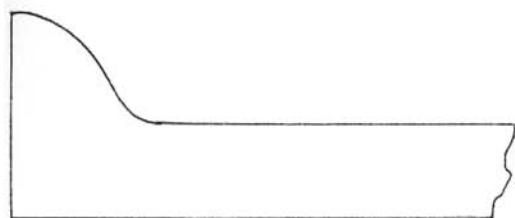
sariamente com processos de encaixe) e mostrar possíveis delineamentos gerais de outras, pois se apresentam truncadas.

Não ousamos sequer sugerir processos de encaixe (porventura detectáveis num ou noutro caso) pois não dispomos de uma única telha inteira que nos permita confirmá-los afoitamente. É no entanto material que fica para oportunas conclusões ¹⁵.

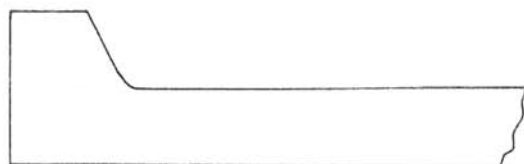
NOTA DA REDACÇÃO: *com o presente estudo, inicia-se a publicação na Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, série de História, de trabalhos elaborados por alunos.*

¹⁵ Vide estampa V.

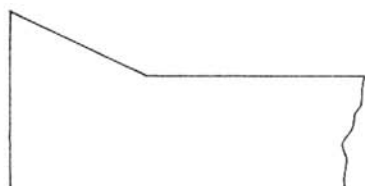




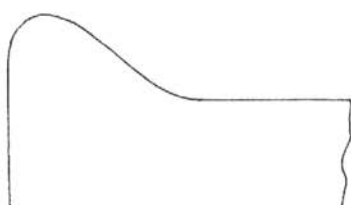
1



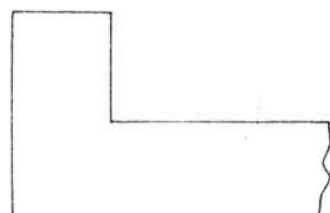
2



3

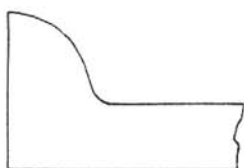


4



5

Esc. 1:2



1A



2A



2B



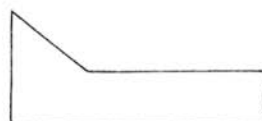
2C



2D



2E

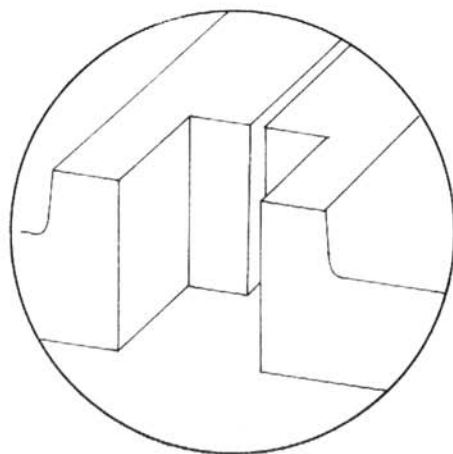
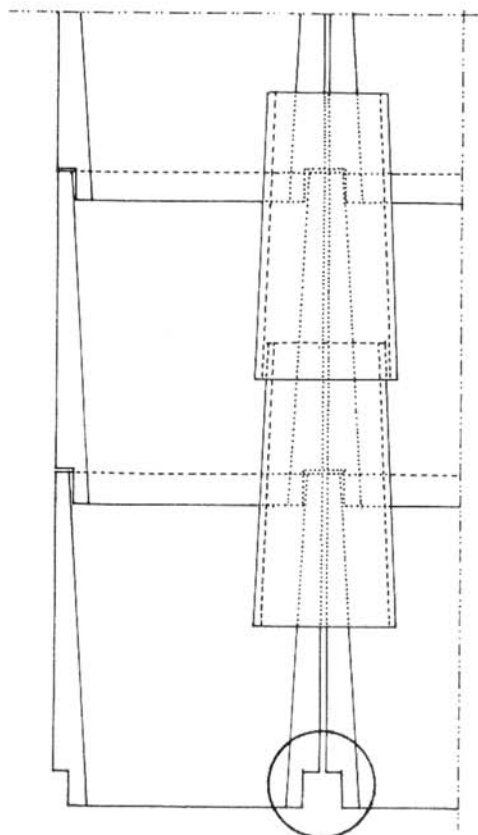
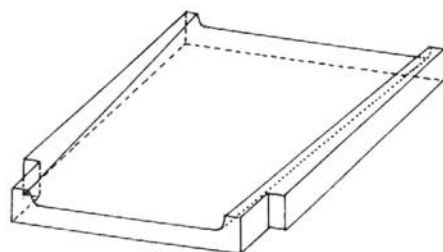
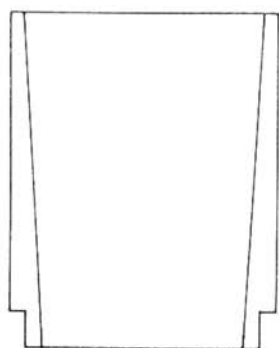


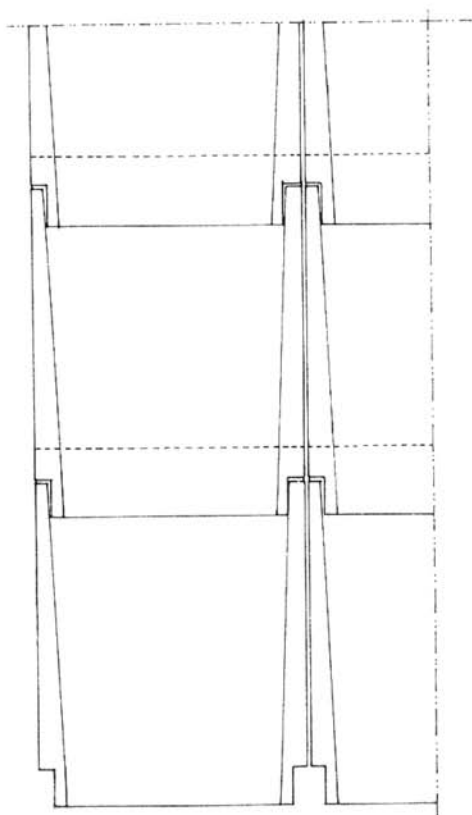
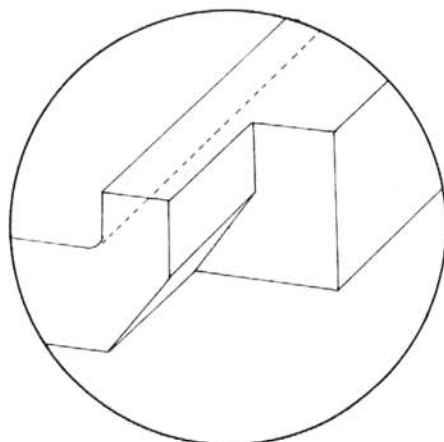
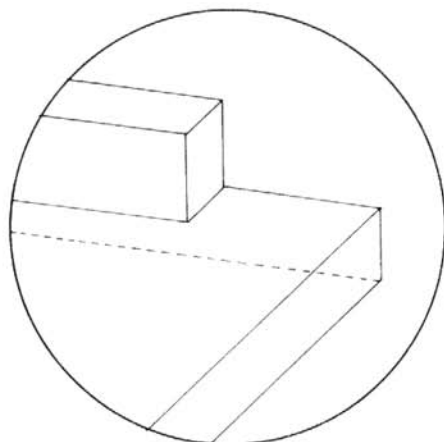
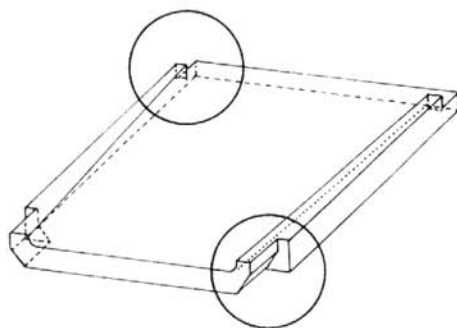
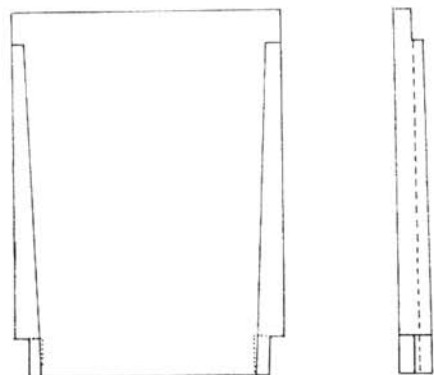
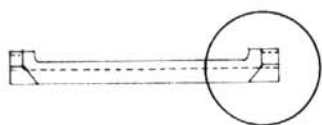
3A

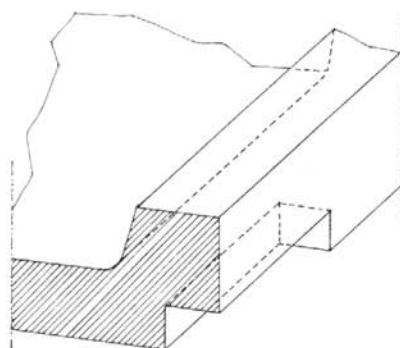


4A

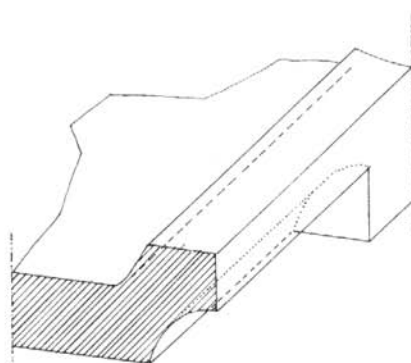
Esc. 1:4



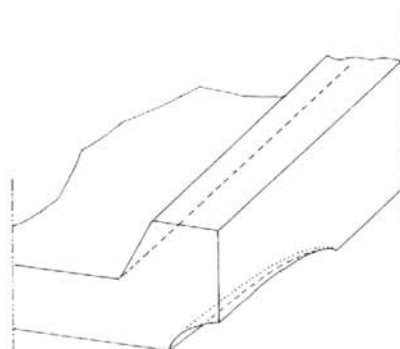




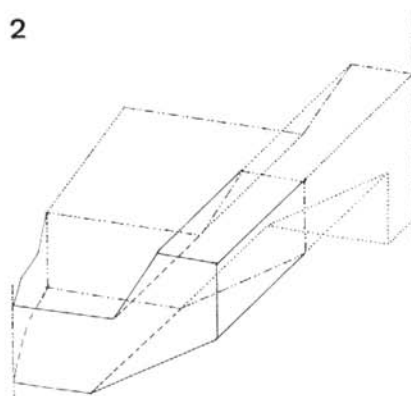
1



2

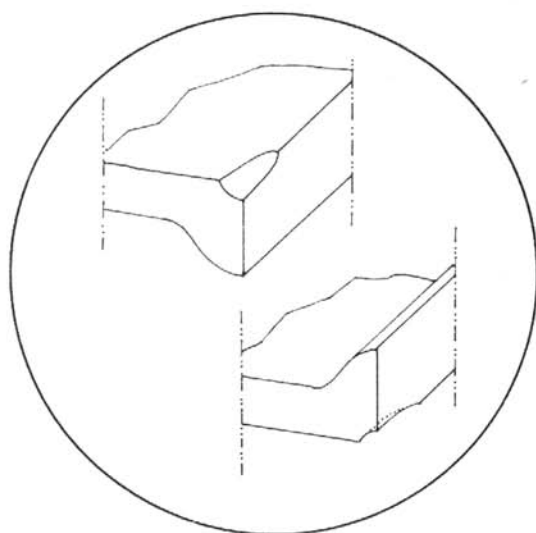


3

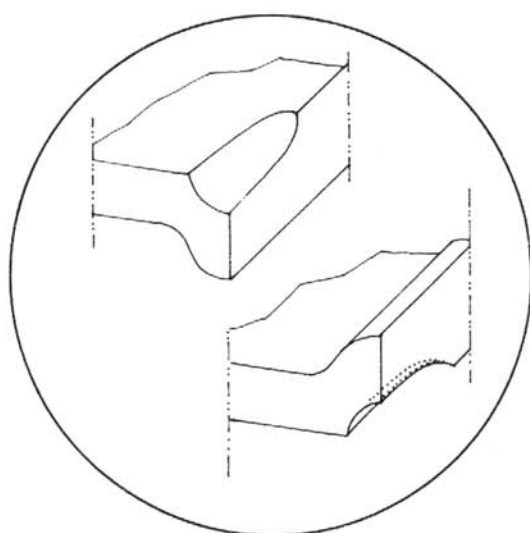


4

Esc. 1:3



3A



3B

Esc. 1:4